

Intuições milanesas¹

Jacques-Alain Miller

No intervalo em que estive ausente do meu curso, a política se fez presente entre nós. Por uma erupção, que foi uma surpresa. Devo confessar que meu gosto pelas surpresas não passa disto: eu a acolhi com um sorriso. Por um curto instante, depois do qual constatei a que ponto os cálculos dos *experts* podiam, como os da multidão, ser afinal desmentidos, desmontados. Como, nutridos de evidências após muitos anos, eles poderiam desmoronar e produzir um efeito de massa, com certos traços depressivos ou de pânico, mas também defensivos e maníacos. Seguiu-se uma mobilização política que não poupou os psicanalistas e certo número de suas associações, explicitamente.

Entretanto, diante disso estávamos, é preciso dizer, a léguas de distância de duvidarmos do que se passava nas profundezas - nós estudamos laboriosamente a contratransferência e a história do movimento analítico durante o último meio século. Isso fez com que eu acolhesse penhorado a oportunidade que me foi dada no último domingo de falar em Milão, por ocasião da criação efetiva da Escola Lacaniana do Campo freudiano na Itália, sobre o tema "Os psicanalistas na cidade", retomando então a inspiração do Seminário que eu e Éric Laurent demos em 1996-97 em Paris intitulado "O Outro que não existe e seus comitês de ética".

Não sem certa improvisação, me ocorreram então alguns pensamentos sobre o que nos ocupa na psicanálise, e não quero deixar passar esse momento. Vou então comunicar a vocês minhas intuições milanesas e começar a desenvolvê-las. Elas concernem às relações do inconsciente com a política.

Tomei como ponto de partida uma proposição de Lacan retirada do seu Seminário "A lógica da fantasia", que encontrei um pouco antes da minha saída em uma espécie de psicopatologia da vida política que acaba de ser publicada aqui. Eis a proposição: "Não digo 'a política é o inconsciente', mas simplesmente 'o inconsciente é a política'".

Aquele que a cita exclui pura e simplesmente a segunda fórmula, abrupta e absurda, segundo ele. A primeira ele aceita, mas com reservas. Assim ele tem pelo menos o mérito de apreender que essas duas fórmulas não são equivalentes, pois não se trata de: se $A=B$, $B=A$. Sim, diz ele, há o psíquico na política, mas a política não é somente o inconsciente, mas também as fantasias, os sonhos, os fracassos e as angústias...

Vale a pena citar Lacan, amortecer o incisivo de sua proposição para dela extrair essa pobreza? Fantasias, sonhos, fracassos e angústias há por todo lado em que há o homem, na ação e na contemplação, nas culturas e nas maneiras de fazer, no Estado ou na sociedade, na solidão ou na multidão. Nada resta de Lacan quando se faz tal comentário de sua proposição, já que há manifestamente nessa fórmula um *flash*, que surpreende ao menos por um instante, antes de desaparecer na noite em que todos os gatos são pardos. Há nessas proposições de Lacan alguma coisa que merece ser entendida e é justamente isso que é amputado no comentário ao qual me referi.

Ora, o *agalma* desse dito é uma fórmula, "O inconsciente é a política". Podemos ao menos observar que se trata de uma fórmula da competência de um psicanalista, enquanto que a outra, que propõe uma definição da política, é certamente mais arriscada quando é enunciada por um psicanalista, cuja tarefa não é definir a política. Por isso mesmo Lacan diz "Não digo [...], mas simplesmente [...]".

Eis como resumo o tema que os colegas italianos se propuseram tratar: os psicanalistas estão na Cidade? É discutível. De qualquer forma, a psicanálise está na política. Isso me permitiu encontrar um fio, em Milão, para expor o tema a ser tratado. Retomo então a sequência de minhas reflexões, na ordem em que elas me ocorreram.

Primeira reflexão: "... 'a política é o inconsciente'".

"Eu não digo", diz Lacan, que coloca então sua proposição no império da denegação, dizendo tudo dizendo que não diz. Digamos que, do ponto de vista lógico, trata-se de um enunciado que Lacan hesita em transformar em tese e sobre o qual ele enfatiza que, se fosse uma tese, iria mais longe que a outra.

Será por isso a tese de ninguém, uma tese sem pai? Se essa tese tivesse um pai certamente seria Freud, que diz alguma coisa parecida - que a política, pelo menos quando ele escreve sobre ela, remete ao inconsciente. Trata-se da tese que ele desenvolveu em "Psicologia das massas", em que analisa as formações coletivas como formações do inconsciente, tendo o mesmo significante identificatório e mesma causa do desejo.

Dessa forma, a política se reduz ao inconsciente e por isso essa tese, embora proveniente de Freud, se presta a objeções que são todas do tipo: há mais na política do que o que provém do inconsciente. Já que nos encontramos diante de uma tese reducionista, as objeções são variações sobre o tema "é apenas parcial, é mais complexa, mais ampla, etc.". Evoquei "Psicologia das massas", mas seria possível ler "Mal-estar na civilização" e "Moisés e o monoteísmo" à luz da mesma tese.

Poderíamos rejeitar essa tese dizendo que não é da política que Freud fala, mas sempre do inconsciente, tomando seus exemplos emprestados do campo da política.

Observemos, no entanto, que esse campo é estruturado pela instância do pai, que Freud o aborda no regime paterno e por isso os termos, os temas que organizam sua abordagem são identificação, censura, repressão, inclusive a repressão do gozo.

Segunda reflexão: "o inconsciente é a política"

Essa tese, que seria abrupta, absurda, que nos permitiríamos afastar com um golpe de mão... fui para Milão, enervado por essa desenvoltura dentro dessa fórmula, que é mais modesta que a primeira pois propõe uma definição do inconsciente. É assim em Lacan, e é muito mais razoável. O inconsciente é tão pouco representável e sabemos tão pouco sobre ele que é inverossímil e muito arriscado definir o que quer que seja a partir dele: pelo contrário, é sempre ele, o inconsciente, que deve ser definido, porque não se sabe o que é. Ele também não é jamais em Lacan o *definiens*, mas sempre o *definiendum*. Tomemos a fórmula: "o inconsciente é estruturado como uma linguagem". Trata-se de uma tese que supõe dispormos da definição da linguagem e de fato Lacan utiliza a produzida por Saussure e Jakobson. Não há sem dúvida o "como" no enunciado que comento hoje, então o que temos que nos perguntar é como definir a política, embora haja um sentido em dizer que o inconsciente é a política.

O que me divertiu é que, após ter caído nesse comentário irritante abri um segundo livro recente, *A democracia contra ela mesma*, de um politólogo que sem dúvida leu Lacan, Marcel Gauchet, e caí em uma definição da política: "É nisto que consiste especificamente a política: ela é o lugar de uma fratura da verdade". Bela definição, ao mesmo tempo infiltrada de lacanismo e talvez, no fundo, de um certo merleau-pontysmo, "fratura" é uma palavra de que esse autor gosta muito. Também encontramos nele, em uma

obra de 1992, a expressão "fratura social", retomada em 1996 e caída sob os olhos de uma figura da política francesa, que levou esse significante bem longe...

No início, trata-se de um politólogo bastante lacanoide que define a política como um campo estruturado por S (A), em que o sujeito faz, na dor, a experiência de que a verdade não é uma, de que a verdade não existe, e de que a verdade é dividida. Trata-se de uma definição da política que tem toda a sua virulência no momento que vivemos, momento que é, no entanto, totalmente "pós-totalitário" - coloco entre aspas -, no qual entramos a partir de 1989 com a queda do Muro de Berlim que não foi, aliás, aplaudida por todo mundo.

Não retifico necessariamente esta categoria, o totalitarismo, que serviu a uma propaganda política durante o século XX. O totalitarismo foi uma bela esperança que encantou as massas do século XX e cuja lembrança nós, do século XXI, quase perdemos. Era a esperança de suprimir a divisão da verdade, de instaurar o reino do Um na política, conforme o modelo da "Psicologia das massas". No nível dessa aspiração à concórdia, à harmonia, à reconciliação, o totalitarismo é impecável, como ecoam seus termos no discurso do Presidente Schreber.

Então, o triunfo da democracia, que vai de vento em popa no pensamento contemporâneo, pelo menos em uma boa parte do globo - evidentemente o caso chinês está um pouco à parte, denunciam a aparição, por lá, de uma nova patologia, os mortos por excesso de trabalho, em um espaço em que a palavra "sindicato" seria uma ideia nova - não gera o mesmo entusiasmo, podendo inclusive ser avaliado por um efeito depressivo; ele o comporta, na medida em que implica uma aceitação da divisão da verdade, que toma a forma objetiva dos partidos políticos engajados em uma contradição insolúvel, pois a verdade está destinada a ser dividida.

O que M. Gauchet diz com um lirismo digno de Merleau-Ponty: "Doravante sabemos que estamos destinados a encontrar o outro sob o signo de uma oposição sem violência, mas também sem retorno nem remédio. Encontrarei sempre diante de mim não um inimigo que deseja minha morte, mas um contraditor. Há qualquer coisa de metafisicamente aterrorizante nesse encontro pacificado" - gosto muito dessa ligação entre terror e pacificação - "a guerra se ganha, diz ele, embora essa confrontação nunca tenha terminado".

Daí a ideia paradoxal de que a pacificação do espaço público é acompanhada de uma dor privada, íntima, subjetiva e que, ao mesmo tempo em que se celebram as virtudes do pluralismo, da tolerância e do relativismo, se experimenta uma verdade, eu cito, "que só se oferece no sofrimento". Restará, contudo, reconsiderar a abordagem que é feita aqui da política como uma questão de você ou eu.

A definição do inconsciente pela política tem raízes profundas no ensino de Lacan. "O inconsciente é a política" é um desenvolvimento de "O inconsciente é o discurso do Outro". Essa relação com o Outro, intrínseca ao inconsciente, é o que anima desde o início o ensino de Lacan. É a mesma coisa quando estabelece que o Outro é dividido e não existe como Um.

"O inconsciente é a política" radicaliza a definição do *Witz*, do chiste como processo social que tem seu reconhecimento e sua satisfação no Outro, enquanto comunidade unificada no instante de rir.

Terceira reflexão: o inconsciente é político

A análise freudiana do *Witz* justifica o fato de Lacan articular o sujeito do inconsciente a um Outro, e qualificar o inconsciente como transindividual. É possível passar de "o inconsciente é transindividual" para "o

inconsciente é político" desde que fique claro que esse Outro é dividido, que ele não existe como Um.

Por isso "o inconsciente é a política" não diz absolutamente a mesma coisa que "a política é o inconsciente". "A política é o inconsciente" é uma redução, e quando Lacan formaliza o discurso do mestre ele diz, ao mesmo tempo, que se trata do discurso do inconsciente. Fazendo isso ele oferece uma chave para inúmeros textos de Freud. Ao passo que "o inconsciente é a política" é o contrário de uma redução, trata-se de uma amplificação, do transporte do inconsciente para fora da esfera solipsista para colocá-lo na Cidade, fazê-lo depender da "História", da discórdia do discurso universal a cada momento da série que nela se cumpre.

Quarta reflexão: a Cidade não existe

Hoje não há mais "a Cidade". Ela é imaginária. Pode ser entendida como metáfora para dizer a política, mas na *Wirklichkeit*, a efetividade histórica, a política não se desenvolve mais sob a forma da Cidade. A Cidade é uma nostalgia, remanescente; ela é também imaginária no sentido em que atualmente a procuramos para encontrá-la na televisão.

Em Milão, no *La Repubblica* da véspera, dedicada a uma crítica do senhor Berlusconi, que possui três dos cinco canais de televisão italianas e orienta os três que ele não tem na qualidade de Presidente do Conselho, a televisão era qualificada de *agora*, uma *agora* moderna, acentuando a que ponto ela está capenga. A *agora* antiga teria como primeiro movimento "ostracizar" o Sr. Berlusconi. Ao mesmo tempo, o jornalista fazia da televisão o lugar em que se elabora e se difunde um consenso. Isso só pode indicar que a *agora* da época do mercado nada mais tem a ver com a *agora* antiga -

ela é um lugar de homogeneidade social, supondo a exclusão daqueles a quem era recusado o privilégio democrático.

Não somente não existe mais a Cidade homogênea, mas o próprio Estado-nação está desestabilizado, posto em questão e se revela poroso, enfraquecido, alguns chegando até a profetizar sua desapareição. Para além da Cidade, é o Estado-nação que está em questão, embora mais do que falar dos psicanalistas na Cidade, seria preciso ousar colocar a questão dos psicanalistas na "globalização", conceito aproximativo, porém certamente mais operatório que o de Cidade.

Tive a oportunidade de ler, na Itália, uma passagem de uma obra de Hans Magnus Enzensberger, uma descrição do fato de se encontrar personagens surpreendentes nas campanhas da Baixa Baviera, que deixam o camponês assombrado diante dessas novas identidades, carnaval poético um pouco antecipatório que mostra que se está bastante desviado do espaço homogêneo da Cidade.

"Globalização" fala do que entrevemos de um espaço social em que nada mais esteja em seu antigo lugar, o que já percebemos opondo antigos e novos mundos, mas aqui se trata da subtração da própria noção de lugar, o que se chama gentilmente de perda de referências. Quando nada mais está em seu lugar, é a própria categoria da falta que tende a se tornar obsoleta, segundo o exemplo do livro que só pode "faltar em seu lugar" em uma biblioteca bem organizada... E se "globalização" fosse o nome do que a torna obsoleta.

Quinta reflexão: Freud e a rainha Vitória

Reciclo assim uma tirada de Lacan em seu Seminário. Ele havia lido um dia *A rainha Vitória*, de Lytton Strachey, e fez seu auditório rir situando a rainha Vitória como a causa histórica de Freud. Ele esboçava assim a relação do

nascimento da psicanálise com a sociedade disciplinar, com uma exasperação dessa sociedade que suportava interditos violentos, censurando o dizer concernente à sexualidade, o que deve ser modulado, pois as formas transgressivas sempre existiram, mas justamente como transgressivas: os interditos se mantinham.

Basta, a *contrario*, pensar na banalização do espetáculo sexual de hoje em dia, que vai do filme pornográfico ao livro da Sra. Catherine Millet, para apreender que estamos em um outro regime da sexualidade: não se trata mais da rainha Vitória, mas da rainha Catherine!

Não é a primeira vez que aponto que todo o aparelho conceitual freudiano continua marcado pela época disciplinar: interdito, recalçamento, repressão, censura..., o que permitiu uma junção da psicanálise com o marxismo, sob as espécies do freudomarxismo ou da contestação estilo 1968.

É preciso constatar, de fato, que a Renascença lacaniana da psicanálise nos anos sessenta e setenta é contemporânea do momento descrito por Antonio Negri - que volta todas as noites para dormir na prisão por ter sido, naquele tempo, o inspirador das Brigadas vermelhas. Ele tenta, em seu último livro, *Impero*, dar uma doutrina à extrema-esquerda internacional e escreve, na p. 333 da edição francesa: "No período de crise dos anos 60 e 70, a expansão da proteção social e a universalização da disciplina criaram simultaneamente, nos países dominantes e nos dominados, uma nova margem de liberdade para a multidão trabalhadora. Em outros termos, os trabalhadores utilizaram a era disciplinar para ampliar seus poderes sociais do trabalho, etc."

Sublinha o que o próprio conceito de liberação devia às formas disciplinares da dominação e tenta pensar o que seríamos após essa sociedade. O que ele chama de *impero*,

império, é um regime que não age pelo interdito e pela repressão e que, portanto, torna problemática a transgressão, a própria ideia de revolução e de liberação. Antonio Negri é filho de Deleuze e Guattari; ele recicla o *Anti-Édipo* de trinta anos atrás. Podemos encontrar nosso bem no que é, apesar de tudo, uma leitura de Lacan.

Resumindo: Lacan pensou a psicanálise na época disciplinar, mas também participou da psicanálise da época imperial e é a isso que tentamos conferir uma atualidade em "O Outro que não existe".

Sexta reflexão: Lacan e o rei gozo

Lacan teve o papel histórico de atualizar Freud e de preparar a psicanálise para a nova ordem que M. Negri chama de *Impero*. Assim considerando, é possível distinguir três fases:

- A primeira fase é a da formalização da psicanálise na época disciplinar. Ela se fundamenta na formalização do conceito de inconsciente a partir do algoritmo do signo; na formalização unificante do Édipo, da castração e do recalçamento pelos conceitos de Nome-do-Pai e de metáfora; na formalização da libido pelos conceitos de desejo e de metonímia. Esse Lacan clássico é Freud formalizado.

- Depois vem a transição em que Lacan realiza uma subversão de Freud, via a subversão do Nome-do-Pai, que ele pluraliza e também desloca quando atribui a operação do recalçamento não ao interdito mas ao próprio fato da linguagem; via a subversão do conceito de desejo ligado ao interdito, conceito que ele substitui pelo de gozo - bem mais do que a falta, ele enfatiza o que preenche a falta; via estabelecimento da noção de objeto *a*, que permanece atrelado ao tema da falta, mas na qual o que prevalece é o que vem preencher a falta.

- Finalmente, a terceira fase do trabalho de Lacan, na qual o termo essencial é o gozo, na medida em que ele não tem contrário. Até então ele estava em tensão com o significante recalcador, mortífero, e eis que ele próprio se tornou um operador de gozo; ele estava em tensão com o prazer. Precisamente a oposição prazer-gozo tende a se extinguir, não pela subtração de sua validade, mas porque o prazer se torna um regime de gozo. O nível da pulsão que, diferentemente do desejo, não está intrinsecamente articulado a uma defesa, é o nível que Lacan retirou da máxima "o sujeito é sempre feliz", sempre feliz... no nível da pulsão, se compreende, a única questão sendo o seu modo, que pode ser prazeroso, doloroso, etc., enquanto que axiomáticamente ela sempre se satisfaz.

Isso corresponde à saída da época disciplinar. Tudo é agora uma questão de arranjo. Não se sonha mais com o fora. Há apenas percursos, arranjos e regimes de gozo. O nó borromeano já é um esforço para sair do binarismo da estrutura de oposição e da organização disciplinar suposta por essa clivagem.

Eu deveria retornar a essa noção de sociedade disciplinar. A oposição entre a sociedade disciplinar e a sociedade de controle procede de Foucault e foi desenvolvida por Deleuze; isso indica dois regimes de dominação. A sociedade disciplinar é a época em que há uma exterioridade entre os dispositivos e aparelhos de repressão e de formação, e os submetidos; nela se distingue a dominação como tal, a doutrinação que permite uma oposição frontal e a delimitação da figura dos opressores. A resistência pode então se apoiar nas formas da coerção. Foucault percorreu estes aparelhos - prisão, asilo, hospital, escola, universidade - em que "vigiar e punir" supõe uma clara delimitação entre o *in* e o *out*.

Isso se torna interessante para distinguir o que já se modificava nela há trinta anos, ou seja, que a dominação

era sobretudo imanente ao campo social; que os mecanismos de dominação que os marxistas podiam analisar eram interiorizados e difundidos de maneira fugaz ou invisível pela sociedade de comunicação ou de informação; daí a ideia de que daí por diante será por redes flexíveis, moduláveis e flutuantes que circulará uma dominação que não é mais exterior - a ponto de Negri fornecer a fórmula da "alienação autônoma" para designar uma dominação que não é mais externa do que interna, e à qual o termo êxtimo convém completamente.

Sétima reflexão: o tratamento analítico na época da globalização

Eu asseguro: a obra de Negri não é o novo *Capital*, mas é principalmente um grande poema. Espinozista, ele descreve de uma forma patética um mundo sem operadores, um império que não é mais imperialismo de ninguém, que está por toda parte, nenhuma parte, e ao mesmo tempo sem fronteiras, sem exterior. Muito repetitivo, é mais um canto; Negri é o Dante da globalização...

O tratamento portanto é certamente marcado por esses tempos, sofre suas consequências. Inicialmente concebido como um tratamento que se diferenciava do médico, ele foi prescrito como um ideal de maturidade e uma norma da personalidade; o próprio Lacan falaria de conclusão da personalidade ou de realização efetiva do Édipo e da castração. Da realização efetiva do Édipo e da castração, até chegar a falar de desidentificação fálica supõe, de fato, uma norma e um ideal em operação; tanto que nessa fase do ensino de Lacan o questionamento insistente sobre esse ponto faz essa prescrição reaparecer, sem ser admitida como tal, sem dúvida, mas no entanto capturada, absorvida pela insistência da norma e do ideal.

Uma segunda fase se caracteriza pela completa desmedicalização do tratamento. Trata-se do momento em que o tratamento pode ser concebido como experiência, como o lugar em que acontece alguma coisa para vocês. É possível aproximar isso da doutrina atual concernindo à construção dos magazines, tal como ela eclodiu em Beverly Hills, Los Angeles, Nova Iorque, onde os novos magazines devem responder ao conceito de *experientialização*, ou seja, a transformação do *shopping* em experiência única e insubstituível, senão todo mundo só faria suas compras pela internet!

Lacan "experientializou" o tratamento antes de todo mundo, enfatizando a atividade analisante e a produção de um novo sujeito, o que foi concretizado pelo passe, em que o fim do tratamento era pensado de modo transgressivo, como uma passagem mais além da fantasia.

Há agora uma terceira fase, própria ao regime da globalização. Ela aparece no final dos *Outros escritos*, em que o passe é redefinido como a realização de um relato que satisfaz um auditório como procedimento. É sabido que, no Campo freudiano, os produtos do passe foram tomados em um processo de espetacularização. Os Analistas da Escola (AE) foram convidados a se apresentar diante dos maiores públicos que se podia reunir em escala internacional. Fomos criticados, mas não queremos retroceder! E se seguirmos Lacan - certamente tudo é compatível, como na Itália, onde a Igreja é erigida no próprio lugar do templo pagão, é o inconsciente freudiano realizado! - o final da análise se encontra desprovido do *pathos* do mais além, da transcendência, do atravessamento, e a ênfase é colocada nas mudanças de regimes de gozo que podem ser obtidos no tratamento. Pois se trata da satisfação pulsional, que não tem contrário, o que determina que a referência seja a passagem de um regime a outro.

A famosa "a relação sexual não existe" se inscreve nesse quadro, e assinala o apagamento definitivo da norma. Abandona-se o que retinha a psicanálise na época disciplinar: só há gozo. É o que se passa na globalização, em que estamos há muito tempo. Nesse nível foi aberto o espaço da invenção sexual, da criação fora da norma, que torna inaudíveis atualmente temas como amadurecimento e completude. É evidentemente compatível com a inclusão do gozo nos direitos humanos, do gozo jurisdicionado.

Isso acompanha a promoção da escrita lacaniana do *sinthoma*, novo nome para indicar o sintoma que não tem contrário ou não o tem mais, o sujeito estando, como tal, condenado. É preciso dizer que o sintoma aparece como o regime próprio ao gozo, o sujeito - ou mais precisamente o ser vivente que fala - experimentando-o necessariamente como tal.

Há ainda reflexões por vir.

Oitava reflexão: a depreciação da psicanálise

Ela concerne o que esta época comporta de aviltamento da psicanálise. É preciso entretanto dizê-lo. Os operadores sentem isso, seu ato está sob a ameaça do rebaixamento, de tal forma a psicanálise é pressionada pela psicoterapia. Como isso será classificado? Se nos referirmos a um economista americano especialmente astucioso, os psicanalistas serão colocados na classe *attention givers*, aqueles cuidadores dentre os quais se encontram os psicoterapeutas, mas também os *baby-sitters*, os mordomos, os *personal trainers*, etc. Trata-se certamente de uma classe em expansão, mas esse crescimento é acompanhado de certa desqualificação. Isso cumpre um certo rebaixamento da posição do analista.

[continua em Opção Lacaniana online nº6, a aparecer em novembro de 2011]

Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa

¹ Convidado para ir a Milão para a criação da Escola Lacaniana do Campo freudiano na Itália, Jacques-Alain Miller improvisou uma conferência sobre o tema de trabalho escolhido para a jornada: "Os psicanalistas na cidade". O texto que se segue é o da retomada do seu Curso em Paris, três dias mais tarde, após seis semanas de interrupção devido às férias e feriados. O texto publicado aqui foi traduzido de:

MILLER, Jacques-Alain. Intuitions milanaises [1]. In: *Mental, Revue Internationale de Santé Mentale et Psychanalyse Appliquée: "La clinique analytique à l'époque de la globalisation"*. Paris: Nouvelle École Lacanienne; New Lacanian School, n.11, décembre 2002. p. 9-21.